

## CORRESPONDENCIA

### REPLICA AO SR. DR. SOUZA LEITE A PROPOSITO DE SUAS OBSERVAÇÕES NA BAHIA

Nos numeros de 8 e 15 de Novembro do *Brasil Medico* lemos um artigo do Sr. Dr. Souza Leite, em resposta ao que publicamos nesse mesmo periodico a 4 de Março, e transcrevemos na *Gazeta Medica* da Bahia do mez de Abril, com o fim de rectificar uma asserção inexacta d'aquelle collega em relação a uma doente a que assistimos com o Dr. Clodoaldo de Andrade.

A rectificação versava sobre o seguinte: Em um artigo publicado no *Brasil Medico* de 9 de Fevereiro deste anno, sobre um caso de *aphasia motora*, diz o Sr. Dr. Souza Leite em uma nota: « Em Maio de 1887 vi uma doente na Bahia sobre cuja molestia tinham sido feitos diversos diagnostics por differentes clinicos. Fallou-se em congestão e hemorragia cerebral, em myelite, em beriberi, etc., somente o meu amigo professor Mendes lembrou-se de hysteria. »

Mostramos que não lhe fôra fiel a memoria na nota que em referencia a este caso inserio em seu artigo. Nem só eu e meu collega assistente, como os Drs. Cons. Souto, Almeida Couto e Silva Lima, alguns dos quaes viram a doente cerca de 18 mezes antes de ser ella vista pelo meu distincto collega Dr. Mendes, todos foram accordes em diagnosticar — *paralysia hystERICA*.

Apesar desta affirmativa que se baseia no testemunho de collegas que gozam do mais elevado conceito, o Sr. Dr. Souza Leite, insiste com uma pertinacia digna de melhor causa, em dizer que está certo de que houve estas duvidas sobre o diagnostico, porque, « em presença de uma paciente desta ordem, ellas teriam existido em Paris, Londres, Berlim, Roma, etc. »

Em uma questão de facto o Sr. Dr. Souza Leite não affirma o que realmente se deu, mas sim o que no seu modo de pensar deveria acontecer!

Entretanto mostra o collega desconhecer ou ter esquecido completamente o historico da molestia, senão veria que este diagnostico se impunha, mosmo áquelles que não tivessem as habilitações especiaes de S. S., — pelos precedentes da enferma, que soffria desde muito tempo de accessos de hysteria, pela causa determinante da paralysis, que manifestou-se brusca-mente, ao receber a paciente a noticia inesperada da morte de seu pai, e ainda pela symptomatologia, que não descreveremos aqui porque não nos propomos a escrever agora a historia do caso.

Mostra ainda S. S. desconhecer ou ter esquecido a historia da molestia, parecendo ignorar que a doente esteve em uso do tratamento hydrotherapico no estabelecimento do Cons. Souto, e que no decurso de sua affecção hystérica soffreu de molestias intercurrentes, como uma intoxicação palustre grave, complicada de congestões pulmonares, que exigiram, embora por pouco tempo, o emprego da medicação revulsiva que S. S. pareceu estranhar. E nestes casos, comprehende S. S., o medico tem stricta necessidade de ser *encyclopedista* para não deixar morrer o doente de uma affecção intercurrente, emquanto tem a attenção fixa somente na molestia especialissima de que cura.

Deixariamos neste ponto a resposta ao Sr. Dr. Souza Leite, se a insistencia de S. S. não nos obrigasse a analysar o seu artigo ainda em outras referencias, e refutar mais uma vez as inexactidões em que S. S., por mal informado, ou por confusão de suas notas, attribue ao caso em questão.

Diz S. S. em seu ultimo artigo, no *Brasil Medico*: «Porque motivo um dos profissionaes aconselhou com insistencia a medicação dirigida geralmente contra accidentes e manifestações da syphilis, isto é, a administração dos mercuriaes e dos ioduretos?»

Causa-nos verdadeira sorpresa esta affirmativa do Sr. Dr. Souza Leite, porque nem eu, nem meu collega assistente da enferma, nem qualquer dos outros que foram consultados acerca de sua molestia tem conhecimento de que este trata-

mento tenha sido proposto, e muito menos de que algum profissional tenha insistido por elle.

Diga S. S. quem foi este profissional. Para nós isto é inteiramente estranho. As notas que S. S., confiando talvez demasiadamente na sua memoria, publicou em mais de um artigo acerca deste facto resentem-se todas da mesma falta, não são exactas.

No *Progrès Medical*, de Paris, de 25 de Fevereiro, n'um artigo de que trataremos ainda, sobre *certaines molesias nervosas observadas na cidade do Salvador*, apparece tambem uma nota referente ao mesmo caso de paralytia hysterica, mas com alguns notaveis accrescimos á que tinha sido publicada no *Brazil Medico*.

«La paraplegique anorexique, 22 ans, est une dame mariée à un de mes anciens collègues de lycée. Nous l'avons examinée à différentes reprises avant de porter un diagnostic : car les uns disaient hemorrhagie cerebrale ou myelite, les autres parlaient de néoplasmes encéphaliques ou de beri-beri. Elle se trouvait dans un état très prononcé d'amaigrissement, alitée depuis de longs mois, n'acceptant comme alimentation journalière qu'une ou deux tasses de bouillon, suivi de quelques injections de morphine, sous la peau.»

Nesta versão apparece mais o diagnostico *neoplasmas encephalicos*, que a nenhum dos seis medicos que viram a doente antes do Sr. Dr. Souza Leite consta ter sido feito ; e a asserção de que a alimentação da doente consistia em uma ou duas taças de caldo seguidas de algumas *injecções de morphina*.

Entretanto, podemos affirmar que nunca se fez a esta doente uma injecção de morphina, e o nosso collega não achará, nem na familia da doente, nem entre os profissionaes que a viram uma pessoa que subscreva as informações que inserio em suas notas.

Não é somente em relação a este facto que foi infiel a remi-

niscencia do Sr. Dr. Souza Leite, e de uma infelicidade ainda deponente dos creditos de seus collegas da Bahia.

N'um artigo publicado no *Progrès Medical* de Paris, de 25 de Fevereiro do anno findo, com o titulo — *Reflexions à propos de certaines maladies nerveuses observées dans la ville du Salvador* (Brésil), e a qual juntou S. S. a nota a que já alludimos, refere-se á molestia descripta desde 1882 sob o nome de *nevrose choreiforme*, que appareceu aqui na Bahia de modo epidemico naquella epoca.

Mostrando desconhecer o parecer official de uma commissão de medicos desta cidade, publicado em 1883 pela imprensa leiga e pela professional, e contra o qual não appareceu opinião divergente, o Sr. Dr. Souza Leite n'um ligeiro preambulo lembra que na opinião do Prof. Charcot — « as differenças nas manifestações e formas clinicas das molestias nervosas são phenomenos accessorios, e por mais numerosas que sejam, parece que não dependem senão do gráo mais ou menos adiantado do meio scientifico dos diversos paizes, principalmente no que diz respeito á descripção das especies morbidas » accrescenta que os casos de affecções nervosas que vio na Bahia confirmam esta observação, e depois de referir dous casos com algumas incongruencias (1), devidas certamente a confusão de suas notas ou precipitação na redacção de seu artigo, termina com o seguinte conceito allusivo aos medicos da Bahia:

« *Beaucoup de medecins croient que les individus atteints par l'épidemie de chorée, sont des choreiques vulgaires,*

(1) Na primeira das duas observações publicadas neste artigo (*Progrès Medical*, 25 Février 1888, pag. 147) lê-se o seguinte:

« *Isab... , 38 ans, négresse, etc.*

• • • • •  
« *Entre 29 e 35 ans un accouchement prématuré et deux avortements. Quelques temps après, un an, des douleurs lui surviennent aux articulations des mains, des pieds, des genoux et des hanches: ces jointures sont en même temps rouges, et un peu tuméfiées, etc.* »

Este *rubor* em pelle *negra* é necessariamente engano do Sr. Dr. Souza Leite.

affectés de la *choréa minor*, maladie de Sydenham; et je ne sais pas s'ils on songé à la *choréa major*, vraie chorée. »

Este conceito infundado e injusto para com os seus collegas e patricios não o teria S. S. emittido, se para apreciar o facto se tivesse collocado no verdadeiro meio scientifico, informando-se dos competentes sobre a historia dessa epidemia, e lendo ao menos os documentos officiaes que existem, como por exemplo, o parecer publicado nesta *Gazeta* em Abril de 1883 por uma commissão de medicos nomeados pela Camara Municipal para o fim de estudar a natureza da molestia e as causas que a haviam produzido e a entretinham. Basta ler a descripção feita por aquella illustrada commissão em 1883, para convencer-se, por um simples confronto, de que as considerações que S. S. faz em seu artigo acerca das causas e natureza da molestia já eram feitas ha 5 annos por medicos desta capital, com mais claresa e precisão, e que nenhum delles pensou em attribuir esses casos a verdadeira choréa.

Transcrevemos para prova alguns trechos do alludido relatorio:

« A molestia reinante em Itapagipe é a choréa (2) sob suas mais benignas formas. O character epidemico que esta enfermidade assumio não é novo, nem desconhecido na sciencia.

« Molestias nervosas filiadas ao grupo das choréas e choreomanias reinaram epidemicamente desde remotissimas epochas. Muitas das causas que influiram n'aquelles tempos para dar a estas affecções muito mais gravidade e importancia do que tem a epidemia de Itapagipe, não existem felizmente hoje ou pelo menos são entre nós attenuadas. Os habitos, os costumes, a

(2) Nous ferons remarquer, diz o Dr. Souza Leite, que nos cas ne sont pas sans avoir quelque analogie avec un certain nombre de faits que en 1859 Bamberger, cité par M. Lannois (Les chorées, 1886) nomina *Saltatorischer Reflexkrampf*, et que Gower nomina *Saltatorie Spasm*, denomination adoptée par Zuber dans son article *Spasm saltatoire* du *Dictionnaire encycl.*

ignorancia das populações, as praticas supersticiosas e fanaticas a que ellas se entregavam, os recursos de que lançavam mão em busca da cura e que não faziam mais do que exagerar o mal, já não se reproduzem com aquella irrepressão e pernicioso efficacia que accumulava todos os elementos capazes de transformar uma molestia, por sua natureza de somenos gravidade, em verdadeiros flagellos de paizes e nações inteiras.

« Ainda hoje nas tradições, na lingua e no espirito de muitos povos existem indeleveis recordações destas epidemias. Fidedignas narrações dizem-nos o que foi a dança de S. Guido ou de S. Vito, na Belgica, na Hollanda, na Allemanha desde o seculo undecimo; epidemias analogas produziram a tarantula na Italia, o tigaretier na Abyssinia, o convulsionismo em França e a dança macrabria em diversos paizes.

« Todos os historiadores são accordes em ligar a gravidade e extensão daquellas epidemias aos meios sociaes da epocha e ás praticas incontestavelmente erroneas que acompanhavam taes manifestações epidemicas e que concorriam, a titulo de cural-as, para propagar o mal e exagerar-lhe as proporções.

« Os ajuntamentos dos enfermos em romarias ou para sollicitarem a compaixão publica; a idéa falsa de que a molestia era uma especie de desejo irresistivel de dançar e que só na dança não interrompida e cada vez mais convulsa e desordenada estaria a saciedade desse desejo e uma supposta melhora; a prostração que se succedia a este delirio crescente do movimento e que naturalmente exercia sobre o espirito desses individuos e sobre a propria innervação uma influencia progressivamente mais grave; as praticas religiosas que faziam dos atacados outros tantos possessos; tudo isso contribuiu para deixar d'aquellas epidemias taes impressões que ainda hoje celebra-se nas provincias do Rheno, não obstante as tentativas do Governo e do clero com o fim de abolil-a, uma popularissima procissão, chamada das cabras, em que todo prestito dirige-se ao templo a dar tres pulos para diante e um para traz, movimentos que

recordam, em máo arremedo, as desordens de locomoção dos antigos enfermos.

«Um facto importante referem os historiadores e medicos que occuparam-se destas epidemias. «A molestia propagou-se largamente, dizem elles, não só por individuos atacados, que recorriam ou exploravam a compaixão e outros sentimentos do publico, como por vagabundos, que entendiam pelo mesmo fim ou por escarneo e zombaria imitar os gestos e a mimica dos affectados.

«Para os individuos predispostos a estas molestias tão facilmente exerce a sua influencia reproductora a apparencia como a realidade do mal.»

«Posto que a molestia de Itapagipe não tenha a gravidade e importancia das epidemias que mencionamos, pertence, entretanto, a este grupo de molestias nervosas e transmite-se facilmente pelo que se chama contagio por imitação.

«O vulgo conhece a tendencia communicativa que ha em quasi todos os phenomenos nervosos; desde o bocejo, o riso, o choro, que se propagam involuntariamente por um circulo ou um grupo de individuos, até os ataques de hysteria que mal começam em um morador de uma rua, generalisam-se a muitos outros que não soffriam de semelhante molestia e que passaram a tel-a depois que na vizinhança veio a estabelecer-se o primeiro caso.

«Assim se deu com a choréa de Itapagipe; as primeiras manifestações conservaram-se durante algum tempo limitadas, circumscriptas; logo, porém, que a affluencia de moradores e visitantes áquelle bairro foi crescendo com a approximação do tempo de festa, logo que a molestia foi chamando mais a attenção sobre si, os casos foram se multiplicando, e o mal estendeu-se como actualmente o conhecemos.

«O transitio de pessoas atacadas pelas ruas d'aquelle arrebalde e mais tarde pelas ruas da cidade; o ajuntamento dellas quær na fabrica de fiação, onde trabalhavam muitos dos enfermos, quer nas duas ruas contiguas á capella do Rosario, onde residia

o maior numero; além disso a circumstancia de se acharem em Itapagipe pessoas convalescentes de diversas molestias e consequentemente em estado de maior impressionabilidade, e demais convergindo para aquella localidade, em uma serie de festas, a maioria da população desta cidade, que em taes dias sempre se entrega a toda sorte de fadigas de corpo e impressões de espirito, tudo isso concorreu para a disseminação da molestia e para dar-lhe o character epidemico.

«Quer nos casos que observamos em Itapagipe, quer naquelles que tivemos occasião de tratar no centro da cidade, os doentes sempre tinham visto um outro doente soffrendo do mesmo mal, e a alguns tinha occorrido o gracejo de imitar o que haviam presenciado.

«Nem podemos positivamente affirmar qual tenha sido o primeiro original para esta successão de copias.

«Das fórmas que observamos, isto é, a saltatoria, a vibratoria, a rotatoria, a procursiva e a malleatoria, tem sido esta ultima a mais frequente.

«Entre os casos da fabrica de fiação (maior numero que vimos reunido) foi notavel a influencia exercida pelo ajuntamento e pela attenção que os doentes prestavam não só ao proprio estado como ao estado dos demais atacados.

«Emquanto examinamos a cada um dos enfermos de per si, pouco pronunciados eram os symptomas que elles apresentavam mormente os que já se achavam melhorados; logo, porém, que foram se reunindo, e principalmente depois que juntou-se aos que estavam presentes, o mais atacado delles, que a muito custo pudera chegar ao logar onde nos achavamos, foi como se uma descarga electrica se exercesse sobre toda aquella gente: exaggeraram-se consideravelmente os phenomenos observados, e produziram-se novos, continuando ainda depois de voltarem os doentes aos logares onde separados habitualmente trabalhavam.

«Referimos este facto de nossa observação para mostrar aonde

póde ir a influencia prejudicial da reunião, em um mesmo logar, de muitos enfermos.

.....  
.....  
« Quanto aos conselhos que nos julgamos obrigados a dar á população, relativamente á epidemia reinante em Itapagipe mais se recommendam elles ao bom senso do publico do que ao prestigio e força da autoridade.

« Os enfermos da molestia de Itapagipe devem isolar-se o mais que fór possível, isto é, devem evitar não só a presença e ainda mais a visita e a frequencia das pessoas atacadas, como não fazer longos transitos ou percorrer grandes distancias, porque podem levar aonde forem a molestia que assim se propaga.

« Só se devem entregar a exercicios parcos e limitados, em jardins ou nas proprias casas onde morarem, não se expondo por longos passeios a uma fadiga muscular que não é util a si, e que pode prejudicar aos mais.

« Em geral, quer o doente, quer aquelles que o cercam, não devem prestar grande attenção ao mal, porque pelo estado de apprehensão que estes cuidados e receios criam no enfermo, exagera-se e entretém-se a molestia.

« Todo o ajuntamento de doentes, ainda mesmo a titulo de tratamento, é nocivo e prejudicial.

« Não ha tratamento, therapeutico, propriamente dito, que seja realmente efficaç nesta molestia: o enfermo cura-se muitas vezes sem tomar remedio algum, em espaço de tempo variavel, mas cura-se tanto mais depressa quanto mais se subtrahiu á presença de outros atacados e quanto menos se preoccupou com o proprio estado.

« As pessoas, mormente senhoras, que já se conhecem como muito nervosas e que na verdade são muito impressionaveis, devem poupar-se á vista e presença dos doentes.

« Quer os enfermos, quer os predispostos têm em uma alimentação tonica e regulada, e em diversões de moderada expansão, e na suppressão de toda a causa deprimente ou de

fortes emoções, o melhor e mais racional tratamento hygienico.

« Bem comprehendidos e postos em pratica estes conselhos não será difficil extinguir a epidemia; ficando, entretanto, certa a população de que a molestia não offerece gravidade e não offerecerá se aquillo que a sciencia prescreve for observado.»

Eis o que pensam a respeito destes casos os medicos da Bahia, desde 1882.

Já vai demasiadamente longa esta resposta, mas era nosso dever, na direcção de um orgão da imprensa profissional, levantar estas censuras injustas aos nossos collegas.

Não acompanharemos o Sr. Dr. Souza Leite nas divagações escusadas que faz a proposito da nossa justa e imprescindivel reclamação, que S. S. por engano de apreciação considera um *simple detail de psychologia clinica*; é antes uma questão bem definida que se funda n'um principio de logica — não deduzir conclusões de premissas que não são verdadeiras, e prende-se a um preceito de moral commum e dever rigoroso de ethica profissional, — não attribuir a collegas juizos erroneos, por apreciações infundadas ou informações incompetentes, colhidas *aliunde*, e tão estranhas como inexactas.

A nossa reclamação isenta-nos em todo o caso de incorrer na censura que faz o nosso collega, em estylo um pouco nebuloso, a «*essa resistencia passiva e mais ou menos elastica, que dá ás nossas discussões um certo gráo de mobilidade e de oscillação as quaes tem como resultado embaraçar e desconcertar opiniões, determinações e actos tacitamente admittidos.*»

Pela nossa parte reputamos um serviço á sciencia *desconcertar essas opiniões tacitamente admittidas*, e em vez dessa *resistencia passiva* que em sciencia tem o inconveniente de estimular as demasias dos censores incompetentes, preferi-

mos sempre a reacção franca e legitima que tem a vantagem de fazer recolher á orbita de seus deveres os espiritos que, menos reflectidos, ás vezes inadvertidamente e *sem proposito deliberado* a transpoem.

A. Pacifico Pereira.

---

## NECROLOGIA

—

### AGOSTINHO DIAS LIMA

No dia 17 de corrente falleceu nesta cidade o decano dos pharmaceuticos, e um dos mais antigos commerciantes desta provincia, o Commendador Agostinho Dias Lima, com 86 annos de idade.

Nascido na villa de Vallongo, em Portugal, em 18 de Janeiro de 1803, começou em tenra idade a praticar a pharmacia na cidade do Porto, de onde passou á Bahia pouco antes da independencia do Brazil, á qual adheriu, quando já praticante na mesma pharmacia que em 1824 adquiriu, e que hoje tem o seu nome.

No Porto foi por oito annos discipulo de Antonio de Souza Dias, chimico Pharmaceutico de S. M., e sob cujo honroso attestado foi admittido a exame de habilitação na Bahia perante o Dr. José Avelino Barbosa, delegado do Physico-mor do Imperio, sendo examinadores Manoel Diniz Ribeiro e Joaquim José de Castro, versando a arguição sobre seis pontos da Pharmacopéa Geral, tirados á sorte, como era de lei n'aquelle tempo.

Da sua Carta, impressa em pergaminho, com o sello imperial, e datada do Rio de Janeiro em 27 de Outubro de 1824, constá haver sido approvado—*nemine discrepante*; e tem a mesma data a licença do Physico-mor, Dr. Francisco Manoel de Paula, « para abrir e ter publica a. sua botica em qualquer parte do Imperio ».

As folhas diarias exaltaram, por occasião do seu fallecimento, as suas qualidades de negociante e as suas virtudes de cidadão, taes como as considerou a opinião publica por longa serie de